

Um espanto

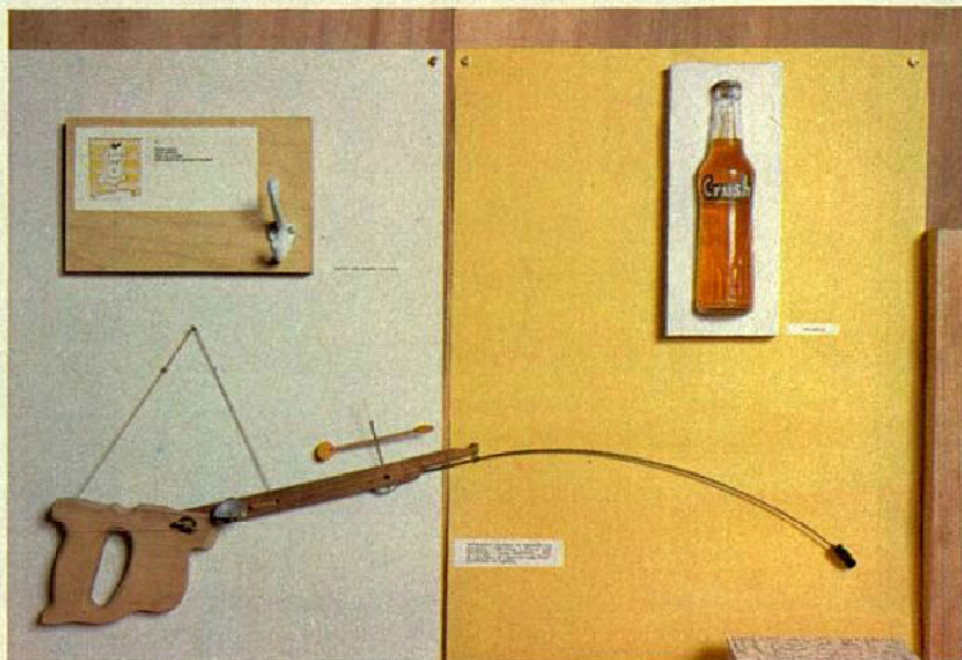
Literalmente: jamais se viu coisa igual

Outrota um dos mais elegantes endereços residenciais de São Paulo, a avenida Europa se transformou, nos últimos anos, em corredor de trânsito, sede de escritórios, imobiliárias e até institutos de beleza. Mas nem por isso seus remanescentes moradores estavam preparados para o espetáculo de há duas semanas. Em carretas rodoviárias, vieram de Nova Viçosa, no sul da Bahia, imensas obras em madeira do arquiteto José Zanine Caldas. Foi necessário um guindaste para descarregar a maior delas: um tronco oco de árvore, com mais de 6 metros de altura, que neste momento ornamenta a fachada do Paço das Artes, instalado junto com o Museu da Imagem e do Som num belo prédio da avenida Europa.

As obras fazem parte da I Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado, promovida por uma imaginativa loja-galeria (Arte Aplicada), sob o patrocínio da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado. Feitos por alguns artistas convidados, ou selecionados por concurso, há de projetos absolutamente viáveis, em termos de *design* tradicional, a idéias incomuns que pretendem ser aproveitadas, tal como uma escova de dentes descartável, onde as cerdas são substituídas por pedacinhos de espuma de borracha e o cabo é um palito de sorvete. Para terminar com um curioso conjunto de objetos absolutamente inúteis do estreante Carlos Augusto Lacaz, cheios de bom humor e ironia, e à primeira vista sem maiores pretensões.

CONFUSÕES — A exposição nasceu de uma idéia da arquiteta Sabina de Libman, dona da Arte Aplicada. “A esta altura, temos quase a tradição de inventar periodicamente alguma coisa diferente”, ela reconhece, lembrando, por exemplo, que coube à sua loja realizar em 1975 a primeira mostra de *kitsch* no Brasil. Além disso, Arte Aplicada sempre recrutou artistas para criarem objetos úteis.

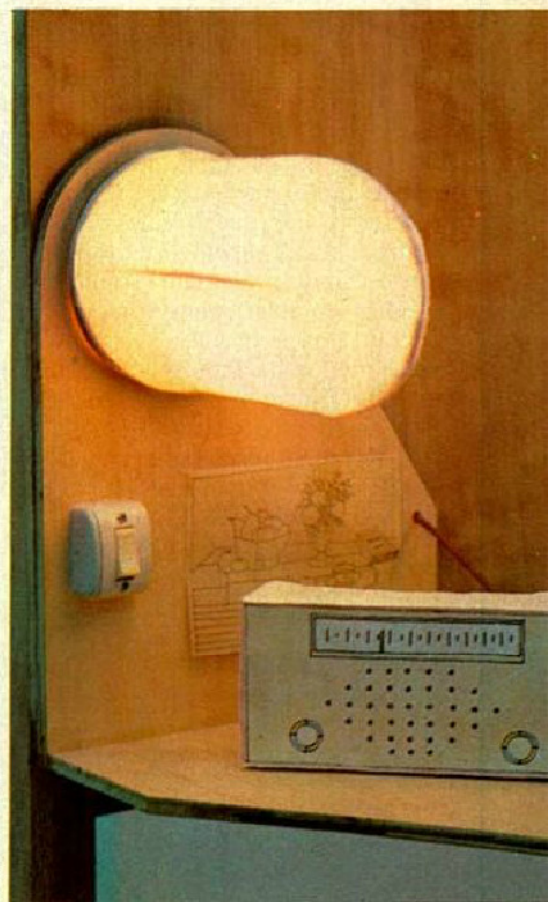
“Há uma diferença fundamental entre *design* e arte aplicada”, lembra Sabina. “O primeiro pressupõe a possibilidade de industrialização. O segundo é



Alguns dos objetos inúteis de Carlos Lacaz: acima, um cabide, uma serra e o "Crushfixo", misturando palavras e idéias



Um livro político que se torna uma caixinha, dentro da tradição do vanguardista Duchamp



Ao lado da luminária feita com um coador de café, o radinho apenas desenhado no tijolo



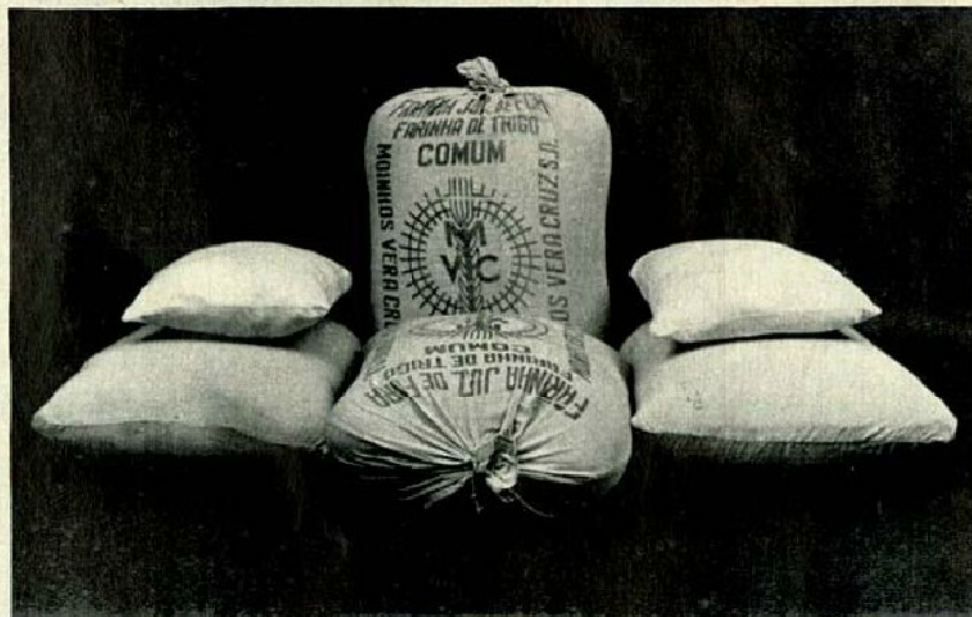
Mobília infantil em papelão: permitindo rabiscar, furar e destruir

apenas a transferência da criatividade do artista para outra área.”

Contudo, no caso do Brasil, nem sempre este último processo tem-se verificado pacificamente. Em geral, bons artistas apenas tentam adaptar seus estilos e acabam produzindo objetos híbridos, onde o lado prático é prejudicado pela prolixidade da forma, que se perde nos apêndices e disfarces. Na própria mostra do “objeto inusitado” não faltam exemplos: o escultor Cacioporé Torres apresenta portas, mesas e luminárias agressivas, quase feias, provavelmente muito incômodas. O também escultor Calabrone produz formas que pretendem ser assentos de jardim — mas como tal poderiam dispensar as curvas e volumes rebuscados e já vistos. O próprio (e incensado) arquiteto Zanine, autor de famosas mansões da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, acaba revelando sua confusão, quando muda de ramo. Como esculturas autônomas, suas propostas dão saudade das magníficas obras de Frans Krajcberg — também produzidas, aliás, em Nova Viçosa. Como móveis, são pobres, senão rudes. Resta-lhes, talvez, o consolo do objeto “inusitado”, finalmente institucionalizado nesta exposição. Um grande tronco oco horizontal com mais de 1,5 metro de diâmetro deixa clara sua função exclusivamente lúdica. Será bastante?

ATÉ ARTE — Mais próximos do conceito corrente de *design* (onde a forma nasce da função) estão vários dos proje-

tos selecionados, tais como luminárias de Fábio Alvim, Décio Beck, Semiramis Paterno, poltronas de Tai Hsuan An, Rodrigo López e assim por diante. A inventividade cresce na mobília infantil de papelão criada por Marili Brandão, cujo baixo custo (desde que altamente industrializada) a tornaria quase descartável, permitindo aos felizes usuários rabiscar, furar e destruir, como é de seu feitio. A destacar, ainda, os projetos de Doraci Gurrulat (“Ex-cultura para Banho de Sol”) e Luís Carlos Chiari (móveis de saco de aniagem). O primeiro é uma espécie de rede, em forma de grande colher, suspensa por



Sofás em sacos de aniagem: charme nas marcas e boa improvisação

uma armação de tubos de ferro embora de praticabilidade incerta (afinal, quem tem espaço para instalar a “ex-cultura” certamente tem espaço livre para tomar sol). Já a idéia de Chiari se limita a aproveitar sacos e enchê-los de espuma de borracha, espalhando-os depois arbitrariamente como poltronas e sofás.

Há até um certo charme nas marcas impressas na aniagem — mas é verdade que no dia-a-dia milhares de estudantes improvisam soluções quase idênticas, com o mesmo resultado.

No conjunto, percebe-se, aliás, que poucos dos novos artistas (ou *designers*) levaram às últimas conseqüências as possibilidades do concurso. “Talvez por causa do nome de Arte Aplicada, o pessoal supôs a obrigatoriedade de um projeto para uso”, admite Sabina de Libman. E o único participante que jogou na

abertura acabou mandando os projetos mais fascinantes. São quase-brincadeiras de Carlos Augusto Lacaz, que seguem uma tradição de *nonsense* criada pelo vanguardista Marcel Duchamp. Um rádio desenhado a lápis num pedaço de papel dobrado em volta de um tijolo, uma garrafa de Crush presa num retângulo de gesso (e intitulada “Crushfixo”), um livro político que na verdade é uma caixa cheia de objetos reunidos ao acaso. Não há dúvida de que Lacaz explorou o rótulo “inusitado” — e enviou o que em outros salões seria simplesmente aceito como arte. OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO